

I SEMINÁRIO

[arq.con.br]

ARQUITETURAS  
CONTEMPORÂNEAS  
NO BRASIL

FRONTEIRAS  
HÍBRIDAS

FORTALEZA | 1 - 4 ABRIL | 2025

Hospital Veterinário Escola da UniLeão | Juazeiro do Norte | CE  
Lins Arquitetos Associados  
Foto Joana França

## DISCURSOS DESLOCADOS E MODOS DE PREMIAR

*DISPLACED SPEECHES AND WAYS OF AWARDING*

*DISCURSOS DESPLAZADOS Y FORMAS DE PREMIO*

SEM FRONTEIRAS

**BARBOSA, Mariana Alves**

Mestre; Universidade Presbiteriana Mackenzie  
b.alvesmariana@gmail.com

## DISCURSOS DESLOCADOS E MODOS DE PREMIAR

### RESUMO

Este artigo reflete sobre uma premiação capaz de se projetar para o mundo a partir de um centro deslocado: Quito, capital do Equador. As edições panamericanas da Bienal de Quito, iniciadas em 1994, são analisadas a partir de uma estrutura metodológica que parte do levantamento e organização massiva de dados referentes ao histórico de sua premiação, capaz de oferecer bases para as reflexões de interesse desta pesquisa: as ideias de centralidades e deslocamentos, baseadas nas contribuições de Marina Waisman, Fernando Luiz Lara e Ruth Verde Zein. O fio condutor da pesquisa convoca uma das faces da questão de gênero na arquitetura e urbanismo, baseando-se na análise de obras premiadas concebidas por arquitetas. Para tanto, a contribuição de Ana Gabriela Godinho Lima é essencial. Assim, este trabalho propõe dois principais deslocamentos: reposicionar o debate arquitetônico, deslocando o foco para as produções reportadas desde o sul-americano; e, a partir do primeiro movimento, posicionar a abordagem nas obras premiadas concebidas por arquitetas.

**PALAVRAS-CHAVE:** premiações. arquitetura. gênero. américa do sul. arquitetas.

### ABSTRACT

*This article reflects on an award ceremony capable of projecting itself to the world from a displaced center: Quito, the capital of Ecuador. The Pan-American editions of the Quito Biennale, which began in 1994, are analysed using a methodological structure that starts with the massive collection and organization of data on the history of the awards, which can provide a basis for the reflections of interest to this research: the ideas of centrality and displacement, based on the contributions of Marina Waisman, Fernando Luiz Lara and Ruth Verde Zein. The main thrust of the research is on one of the aspects of the gender issue in architecture and urbanism, based on the analysis of award-winning works designed by female architects. To this end, the contribution of Ana Gabriela Godinho Lima is essential. Thus, this work proposes two main shifts: repositioning the architectural debate, shifting the focus to productions reported from South America; and, based on the first movement, positioning the approach on award-winning works designed by female architects.*

**KEYWORDS:** awards. architecture. gender. south america. women architects.

### RESUMEN

*Este artículo reflexiona sobre una premiación capaz de proyectarse al mundo desde un centro desplazado: Quito, la capital de Ecuador. Las ediciones panamericanas de la Bienal de Quito, iniciadas en 1994, se analizan mediante una estructura metodológica que parte de la recopilación y organización masiva de datos sobre la historia de sus premios, capaces de fundamentar las reflexiones que interesan a esta investigación: las ideas de centralidad y desplazamiento, a partir de las aportaciones de Marina Waisman, Fernando Luiz Lara y Ruth Verde Zein. La investigación se centra en uno de los aspectos de la cuestión de género en la arquitectura y el urbanismo, a partir del análisis de obras premiadas diseñadas por arquitectas. Para ello, la contribución de Ana Gabriela Godinho Lima es esencial. Así, este trabajo propone dos movimientos principales: reposicionar el debate arquitectónico, desplazando el foco hacia las producciones reportadas desde América del Sur; y, a partir del primer movimiento, posicionar el enfoque en obras premiadas diseñadas por arquitectas.*

**PALABRAS-CLAVE:** premios. arquitectura. género. américa del sur. arquitectas.

## INTRODUÇÃO

Três premiações internacionais se destacam na função de relatar e debater panoramicamente a produção arquitetônica recente na América Latina: as premiações promovidas pela Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito (BAQ), pela Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo (BIAU) e o Mies Crow Hall Americas Prize (MCHAP). É verdade que existem outras premiações que abarcam esse mesmo recorte territorial, mas que por se delimitarem a temas específicos da prática profissional, serem ainda muito jovens, ou estarem vinculadas a intenções comerciais de fabricantes da construção civil, não possuem ou alcançam o objetivo da criação de um panorama geral, e crítico, capaz de retratar a disciplina, tal qual as três citadas.

Sobre o atributo crítico, parte-se do princípio de que o prestígio de uma premiação é construído essencialmente pela sua continuidade e consistência, que, por sua vez, passa pela competência crítica do júri que conduz o exercício da seleção dos trabalhos, capazes de deliberar a partir critérios claros e pertinentes ao tempo que reportam. Nesses moldes, como refletiu Silvia Arango (2012), as premiações são mecanismos de prestígios, que de certa forma têm “a última palavra com respeito à qualidade arquitetônica” e o poder de “qualificar institucionalmente as reputações” (p.77).

Reconhece-se, portanto, que os modos de premiar, ou seja, *quem, o que e como* são os premiados, são importantes, tendo em vista o poder das premiações em constituir modelos a serem seguidos, seja pela própria classe profissional, seja pela geração de estudantes a qual os resultados impactarão. As três premiações destacadas são influentes e capazes de criar, conduzir e repercutir agendas que apresentam ao mundo as tendências locais e gerais, desde o ponto de vista específico até o conjunto de obras finalistas, destacadas ou premiadas.

A mais jovem das três premiações selecionadas para o estudo é o MCHAP. Iniciado em 2014, chega a sua quinta edição em 2024, também sendo realizada em intervalos de dois anos, tal qual as premiações das bienais de arquitetura e urbanismo. O prêmio é vinculado ao Instituto Tecnológico de Illinois, localizado em Chicago, nos Estados Unidos da América, e seu recorte territorial propõe a participação de obras de qualquer programa ou escala estabelecidas nas Américas.

A primeira edição da BIAU aconteceu em 1998, em Madrid, com participação de países da América Latina e Península Ibérica. A iniciativa nasceu e é mantida pela fundação estatal de bienais de arquitetura espanhola, subsidiada pelo Governo da Espanha, responsável pela Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo (BIAU), pela Bienal Espanhola de Arquitetura e Urbanismo (BEAU) e pelo pavilhão espanhol na Bienal de Veneza. O evento e sua premiação acontecem de maneira itinerante nas distintas cidades dos países participantes em cada edição. A importância desta itinerância se dá pela possibilidade de intercâmbios cada vez mais elaborados, tornando as edições capazes de apresentar debates de arquitetura pertinentes aos países sedes, oferecendo a oportunidade de novas descobertas através dos valores mobilizados por cada cultura, delegação organizadora e seu júri.

A Bienal de Arquitetura de Quito, no Equador, nasceu em 1978 e tornou-se Pan-americana em 1994, durante a sua IX edição, convocando a participação de trabalhos de toda América. Desde então, vem se consolidando como uma das mais tradicionais bienais do mundo através de sua premiação e de sua agenda acadêmica e cultural, cruzando prática, pesquisa e sociedade em um evento único. Em caminho contrário à BIAU, a BAQ consolida Quito como centro influente no debate internacional de arquitetura e urbanismo, sem deixar de garantir o protagonismo nacional, repercutido por prêmios dedicados exclusivamente às produções equatorianas.

A sobreposição das fronteiras territoriais destas três premiações destaca a produção cultural na América Latina, território comum a elas. Entretanto, em apenas uma destas premiações é proposto o deslocamento do centro do debate internacional. A BAQ, a mais longínqua e consolidada dentre elas, é a única cujo agente promotor está localizado em um país do sul global. Assim, no contexto de uma pesquisa que vem investigando as três premiações, a este artigo interessa o movimento de deslocamento da compreensão acerca da arquitetura e do urbanismo a partir de uma centralidade outra, tornando as edições da Premiação BAQ o seu objeto de estudo.

O segundo deslocamento proposto é a abordagem deste objeto a partir de seus modos de premiar, tendo em vista a importância de *quem, o que e como* está sendo premiado e repercutido como modelo de profissional e de arquitetura a ser reproduzido. A análise dos resultados soma uma camada dedicada a verificar os padrões, ou a ausência deles, sobre o reconhecimento das contribuições arquitetônicas de arquitetas. Para tanto, propõe-se a construção de um referencial teórico que pretende dar fronteiras às ideias de centralidade e deslocamento, além de contextualizar o debate de gênero proposto para análise dos resultados, apoiando-se principalmente nas contribuições de Fernando Luiz Lara (2018; 2023), Marina Waisman (2013), Ruth Verde Zein (2022) e Ana Gabriela Godinho Lima (2022). A metodologia proposta para esta pesquisa compromete-se com a continuidade e o aperfeiçoamento de estratégias baseadas no “garimpo” de dados e documentação massiva de informações, base das ideias de Ana Estebán Maluenda (2022), assim como a expressão dos argumentos a partir de ferramentas gráficas, procedimentos iniciados durante a pesquisa que originou a dissertação “Arquitetas e arquiteturas em panoramas latino-americanos”.

### **Sobre centralidades: dar-se conta.**

A construção de uma ideia de centralidade, geralmente implica uma relação de dependência. Como por exemplo a relação centro-periferia descrita por Marina Waisman (2013) como dois termos que pertencem a um sistema “no qual o segundo está subordinado ao primeiro, ocupando um lugar secundário, acessório” (p.94). E reflete que:

os modelos fornecidos pelo centro constituirão a base de todo o desenvolvimento periférico e, nos casos em que esses modelos não possam ser reproduzidos, será conservada, ao menos, a imagem do modelo central, de modo a favorecer no possível o quadro fornecido pelo centro. (Waisman, 2013, p.94)

As fronteiras geopolíticas criam centralidades pedagógicas, cuja influência é régua de poder. Aqui, as centralidades podem ser entendidas como pontos de concentração, que necessariamente implicam o sombreamento daquilo que não está em pauta. Podemos ainda entender que as centralidades que aqui estão sendo referidas, podem também ser chamadas de cânon. Ou seja, aquele instrumento responsável pela medição de um dito padrão de qualidade, definidor de normas. Na disciplina de arquitetura e urbanismo uma das definições de cânon pode ser relacionada aos livros teóricos e históricos, responsáveis pela sua construção narrativa.

Fernando Luiz Lara (2018) afirma que nos falta “uma história espacial básica de nosso continente” (p.67), já que através das narrativas eurocêntricas, as Américas são apresentadas como “um continente vastamente vazio de culturas sofisticadas e prontas para serem conquistadas pelo conhecimento superior do autoproclamado velho mundo” (p.67). O apagamento sistemático de memórias é um mecanismo essencial da colonização: “sabemos muito pouco sobre o ambiente construído das Américas antes da chegada dos europeus em 1492, este foi o primeiro signo do espaço americano sob domínio europeu: o completo apagamento da experiência anterior” (p.68) para que esse “novo” lugar pudesse “ser vendido como vazio”

(p.68). Assim, na ausência de uma história para chamar de nossa, a importação da narrativa costurada pelos modelos do centro tornou-se a versão mais vendida.

Em muitos dos livros canônicos, o continente americano aparece deliberadamente, em perspectiva histórica, como periferia de um centro localizado no norte global, frequentemente nos países europeus. Essa comprovação foi feita por diversos pesquisadores e vastamente publicada, especialmente por Fernando Luiz Lara e Ruth Verde Zein. Ambos os pesquisadores se dedicaram ao estudo dos conteúdos de livros canônicos e em sua documentação crítica, como forma de comprovar que as referências largamente ensinadas, e tidas como padrões de reprodução por dezenas de gerações de estudantes e profissionais, são enviesadas. Ao analisar especificamente os capítulos relacionados a arquitetura do século XX, Lara (2023) concluiu que a maioria dos edifícios mencionados estavam localizados nos países em torno do Atlântico Norte.

No mesmo caminho, Zein (2022) desenvolveu um trabalho de levantamento e análise sistemática dedicado ao estudo das oito principais bibliografias, dentre livros e catálogos de exposições, que se propõem a tratar de maneira panorâmica a história da arquitetura brasileira e moderna, aqueles tidos como “clássicos”, consolidados em um processo de “continuidade cultural”, e muitas vezes estrangeiros. Nesse sentido, as conclusões não só comprovam a padronização e reiteração de narrativas que tendem a valorizar os “modelos fornecidos pelo centro”, naturalmente incompletos e cujos interesses nem sempre se demonstram claros, como também destacar os vazios desses cânones. Parte do princípio de que “o que está sendo dito poderá ser tão importante quanto o que não está presente: os vazios das tramas, ou melhor, sua percepção crítica, abre infinitas possibilidades para novas pesquisas” (Zein, 2022, p.28).

Por essa razão essa pesquisa dedica-se à análise da Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito, em busca da sua versão sobre a produção da arquitetura e urbanismo. Ressalta-se o fato de que as demais premiações destacadas possuem seus agentes promotores localizados nos “centros”, sejam eles autoproclamados ou reconhecidos como tal. Não se afirma aqui que tais premiações são necessariamente agentes de reprodução do discurso dominante, desprovidas de crítica e autorreflexão institucional, ainda que as reiterações canônicas sejam constatadas sobre determinados assuntos ou períodos. E, nesse caso, a própria BAQ não se isenta, conforme veremos adiante, ainda que a sua escolha para análise represente, em absoluto, um primeiro gesto de deslocamento daquilo que geralmente é definido como centralidade, um país do pacífico sul-americano.

### **Sobre deslocamentos: ações críticas.**

Distante do cânon, ou de ser compreendido como uma centralidade em termos “tradicionais”, o Equador é um país atravessado tanto pela linha do equador quanto pela Cordilheira dos Andes. Foi colônia da Espanha até 1830 e tal como outros vizinhos, enfrenta instabilidades políticas que refletem no desenvolvimento social do país. Seu território pode ser resumido por três grandes faixas: a costeira, com destaque para a cidade de Guayaquil, a segunda mais populosa do país; a serrana, compreendida pela região dos andes, onde está localizada a capital Quito; e a selva amazônica, território fronteiro com Colômbia e Peru.

O primeiro deslocamento proposto por essa pesquisa pretende enfrentar a ideia de periferia que requer, como vimos, uma centralidade a qual seja subordinada. Com isso, ao colocar Quito em foco, escolhemos observar os parâmetros de seu próprio desenvolvimento, situando sua compreensão cultural em um sistema que tem como base a pluralidade de suas regiões, desvinculado de um modelo universal (Waisman, 2013). O segundo deslocamento requer a consolidação do primeiro, e então, é desafiado desde seu interior. É preciso ter em mente que séculos de formação de indivíduos tendo como base discursos dominantes eurocentrados, não são eliminados com uma recente geração decolonial ou crítica de seu próprio processo de desenvolvimento. Também é preciso entender que a consolidação de um cânon se dá em diferentes

camadas sobrepostas, e o enfrentamento de uma delas não nos livra da reprodução de outras. Assim, se num primeiro momento há o processo de se dar conta de modelos que foram impostos, especialmente sobre países e culturas do sul global que passaram pelo processo de colonização, o segundo momento requer ações práticas, necessariamente de longo prazo, que, a partir de uma postura crítica, inicie um processo de questionamento que se restaura em si mesmo constantemente, em busca de solidez às estruturas baseadas em seu próprio significado.

Portanto, o segundo deslocamento aqui proposto destaca um movimento específico, que avisa que de onde vem existem muitos outros esperando por sua vez. A questão de gênero na arquitetura e urbanismo não se resume a detectar os temas relacionados ao reconhecimento da contribuição de mulheres na prática profissional. Existem muitas ausências a serem preenchidas, são transversalidades tão capazes de transformar nossa compreensão pela disciplina, quanto aquela que será abordada nesta pesquisa. Posicionar o debate no nosso próprio (sub)continente, a partir da produção de arquitetas, são dois de inúmeros gestos necessários para compor um longo processo de questionamento e enfrentamento. Ruth Verde Zein (2022) escreveu sobre os vazios e as ausências dos discursos circulares e reiterativos.

As ausências não são normalmente perceptíveis, vez que não se apresentam de maneira imediata, justamente porque ali não estão, não se revelando explicitamente. Mas essas ausências, se as buscarmos, podem chegar a ser melhores e mais claramente detectadas graças a esse (aparente inócuo, aparente ingênuo, aparente mecânico) mapeamento quantitativo das estruturas narrativas. Que passa, então, a se revelar como um instrumento apto para corporificar e evidenciar os vazios e falhas nas linhas das suas urdidura e trama (ou em todo seu pano e fábrica). (Zein, 2022, p.27)

Assim, o mapeamento quantitativo de estruturas narrativas é a essência metodológica que permitiu a identificação das camadas canônicas e seus vazios. A partir da documentação massiva de informações, foi possível identificar que, apesar de majoritariamente latino e sul-americanas, as arquiteturas laureadas pelas 15 edições da premiação da BAQ que foram analisadas, também apresentavam padrões de autorias, sendo elas essencialmente masculinas.

### **Sobre os modos de premiar**

Os modos de premiar podem ser debatidos pelo conjunto de três perguntas essenciais: “quem está sendo premiado?”; “o que está sendo premiado?”; “E como estes trabalhos estão sendo premiados?”. Assim como nos contou Silvia Arango (2012), os prêmios são mecanismos de reiteração e consolidadores de reputações. Portanto, essas respostas são essenciais para indicar aquilo que vem sendo reconhecido e divulgado como modelo. Mais, tratando-se da Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito, responder a essas perguntas também informa a narrativa que vem sendo reverberada acerca da arquitetura latino e sul-americana para o mundo.

Explicando a importância das perguntas enunciadas, inicia-se por “*quem* está sendo premiado?”. Existe uma questão identitária vinculada à reprodução da figura de profissionais da arquitetura e do urbanismo. Ana Gabriela Godinho Lima (2020) identifica que as mulheres foram eclipsadas no processo de construção pedagógica do ensino da disciplina. Ela comenta:

os nomes e substantivos masculinos, acompanhados pelas obras feitas por homens e fotografias de arquitetos com suas vestimentas e atitudes típicas da profissão, criam um universo em que inexistem modelos femininos, a não ser como notória exceção, como era o caso da arquiteta de origem iraniana Zaha Hadid, ou de Lina Bo Bardi, brasileira de origem italiana. (LIMA, 2020, p.182)

Percebe-se, portanto, a ausência de modelos femininos para construção do referencial profissional de estudantes, desde o seu processo de graduação. Lima (2020) apontou que tal deficiência pode culminar no desinteresse do alunado, já que não se veem pertencidos à realidade que observam. Além disso, é ainda mais problemático quando se observa que essa ausência se dá não só no processo de aprendizagem, mas transborda para a vida profissional, quando as capas de revistas, as monografias, os livros, as premiações, os documentários e as entrevistas, dentre muitas outras formas de divulgação, reiteram esse mesmo estereótipo profissional. Ou seja, trata-se de um estereótipo cujo processo de canonização é sistematicamente mantido e repercutido. Portanto, utilizar o filtro de gênero para avaliação das autorias de projetos premiados pela BAQ, trata-se não só de um gesto de vigilância, mas também de um gesto de comprovação, para que a partir dela, possa-se repensar criticamente os mecanismos que permitem tal reprodução e estratégias a serem adotadas para a sua transformação.

O *que* está sendo premiado também é um parâmetro importante para análise, não só para apontar as tendências ou movimentos do mercado da arquitetura e do urbanismo, assim como suas exceções, mas, principalmente, quando essa informação está vinculada à análise das autorias. Ou seja, é interessante vincular quais tipos de arquiteturas são premiadas quando mulheres assinam os projetos como únicas autoras, ou aqueles projetos assinados por equipes mistas. O resultado tende a ser diferente. Assim como difere dos programas e escalas encontradas quando comparados aos projetos assinados apenas por homens, principalmente aqueles que se encaixam no estereótipo do grande arquiteto, ou o arquiteto estrela.

A forma persistente de como estas diferenças acontecem se transforma ao longo do tempo, mas são denunciadas desde o início do processo de reivindicação do espaço profissional pelas arquitetas, ao longo do século XX. Lima (2014) reflete sobre esse processo nem sempre linear durante sua pesquisa de dissertação de mestrado, de 1999. Em linhas gerais, a pesquisadora indica a solidificação das mulheres primeiro relacionadas aos temas de crítica, história e teoria da arquitetura, depois a tomada das pranchetas através dos temas relacionados à domesticidade e habitação, e, por último, as arquitetas atuando em projetos e espaços coletivos. Por mais que este processo pareça já superado, ele ainda é muito recente.

Nesta mesma cadeia de associação, o *como* se premia é analisado a partir do reconhecimento dos diversos tipos de prêmios que são oferecidos pelas edições da BAQ. Os títulos, assim como as intenções, mudam ao longo dos anos, mas podem ser resumidos pelos seguintes: Biennial Grand Prix, Prêmio Mundial ou Internacional, Prêmio Panamericano, Prêmio Nacional e os prêmios por categorias. O Prêmio Nacional é dedicado exclusivamente à produção equatoriana, garantindo o destaque da arquitetura do país no evento. Desse modo, é interessante observar quais são os prêmios mais frequentemente ofertados aos trabalhos de mulheres, conforme veremos nos resultados a seguir.

## MÉTODOS

Esta pesquisa se baseia na metodologia de trabalho proposta por Ana Estebán Maluenda (2022), que se utiliza da técnica de prospecção de textos, baseada em inteligência analítica, para obtenção de informações de alta qualidade (Maluenda, 2022), entretanto, com a diferença de que sua aplicação nesta pesquisa não acontece sobre análises de textos, mas sim sobre as 15 edições panamericanas da Premiação BAQ, ocorridas dentre 1994 e 2022. Maluenda (2022) defende que a “mineração” de dados, contém uma inteligência analítica que envolve a extração de informações valiosas por meio da identificação de padrões e tendências, geralmente utilizando técnicas estatísticas. Esse processo se destaca por sua capacidade de revelar conhecimentos que não estão diretamente presentes, mas que surgem quando se analisa um conjunto de dados. Dessa forma, é possível identificar dados comuns não estruturados ou ocultos em uma coleção de fontes, gerando conclusões que talvez os métodos tradicionais não pudessem ter alcançado. Assim, a

prospecção de dados permite tanto responder a questões específicas por meio de análises descritivas quanto revelar padrões ocultos por meio de análises preditivas.

Sendo assim, o objeto foi abordado a partir de três ações: 1) Definir quais são as perguntas que serão direcionadas; 2) Documentação massiva de dados; e 3) Reconhecimento de padrões. Ruth Verde Zein (2022) enfatiza a importância de uma abordagem crítica com distanciamento para permitir novas percepções acerca dos padrões reconhecidos. A autora argumenta que a estrutura narrativa de uma obra é mais bem compreendida quando examinada de maneira inversa, analisando como o objeto enfrenta restrições e vantagens em relação ao cânone e como eles estruturam suas narrativas, privilegiando ao contrapondo-se a obras canônicas, a partir de uma abordagem analítica facilitada pelo levantamento quantitativo.

Este trabalho usufruiu de maneira abundante dos instrumentos narrados por Zein (2022) e Maluenda (2022). O arquivo histórico de catálogos das edições da BAQ, mantidos e divulgados pelo Colégio de Arquitetos del Ecuador, foi a fonte primária das informações concentradas nesta pesquisa. Durante seu processo, foram utilizadas três principais ferramentas para organização e visualização de dados: a primeira, foi a criação de uma planilha-mãe, responsável por concentrar o levantamento completo acerca de todos os projetos premiados pelas 15 edições. Eles foram organizados de acordo com as informações que pretendiam ser encontradas, através de perguntas diretas e respostas simples, permitindo a rápida filtragem do material (Figura 1); a segunda ferramenta tratou do aspecto geográfico dos dados, com a elaboração de um mapa interativo, hospedado em plataforma digital, capaz de identificar a distribuição dos projetos premiados pela BAQ (Figura 2); por último, foram desenvolvidos gráficos e diagramas que pudessem indicar arranjos específicos de informações, como por exemplo identificar o desempenho de cada país nas edições BAQ, cruzando a informação dos números totais de projetos premiados, com aqueles concebidos por mulheres (Figura 3 e 4).

Estas estratégias permitiram a verificação detalhada do conjunto de obras premiadas, baseada no alcance específico de cada uma das ferramentas utilizadas, assim como pela verificação de dados feita através da associação destas ferramentas, de forma a se complementar. Esta pesquisa não intenciona. Esta pesquisa não intenciona. Esta pesquisa não intenciona. Nesta seção, o foco foi direcionado para os temas dos dois deslocamentos refletidos anteriormente: a análise de arquiteturas sul e latino-americanas reportadas desde Quito, tendo em vista os trabalhos premiados que foram concebidos por arquitetas, conforme os resultados apresentados a seguir.

Table with columns: EDIÇÕES BAQ, DADOS DE PROJETO (PAÍS, CIDADE, TIPOLOGIA, ANO, ESCRITÓRIO, PROFISSIONAIS), AUTORIA (ARQUITETA/AUTÓRITAS), NOME ARQUITETA, LINK, BAQ, ANO, TEMA, REDE, CATEGORIA, PREMIO. It lists various architectural projects and their details across 15 editions.

Figura 1 – Planilha-mãe. Fonte: Produzido pela autora (2024).

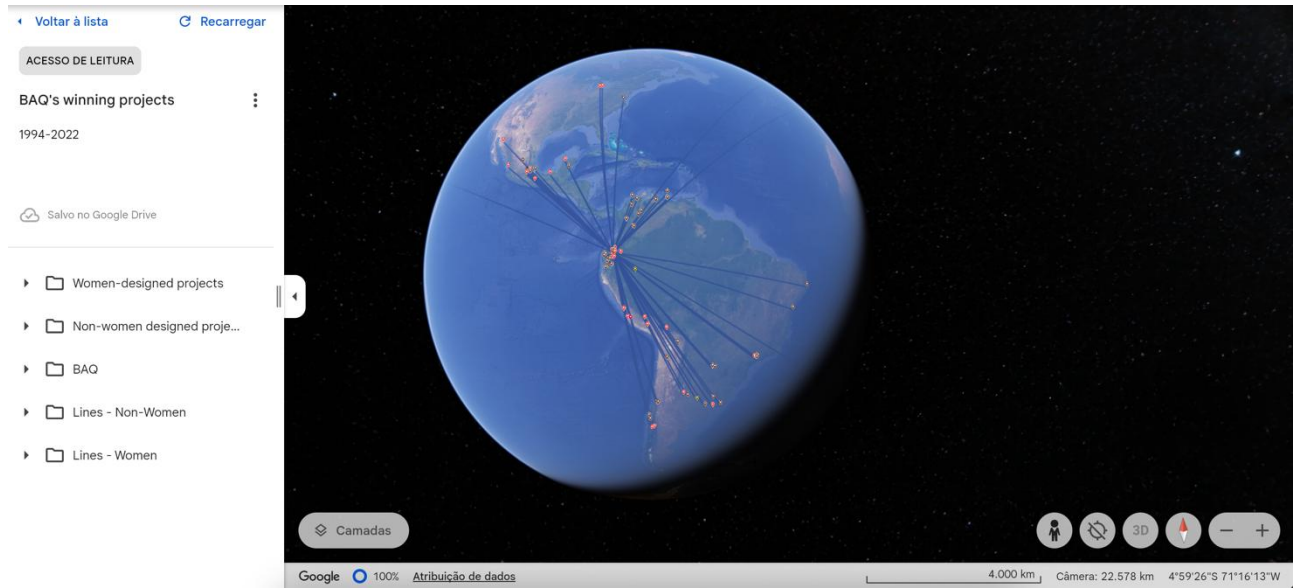


Figura 2 – Mapa interativo com a geolocalização dos projetos premiados nas edições BAQ. Fonte: Produzido pela autora (2024).

## RESULTADOS

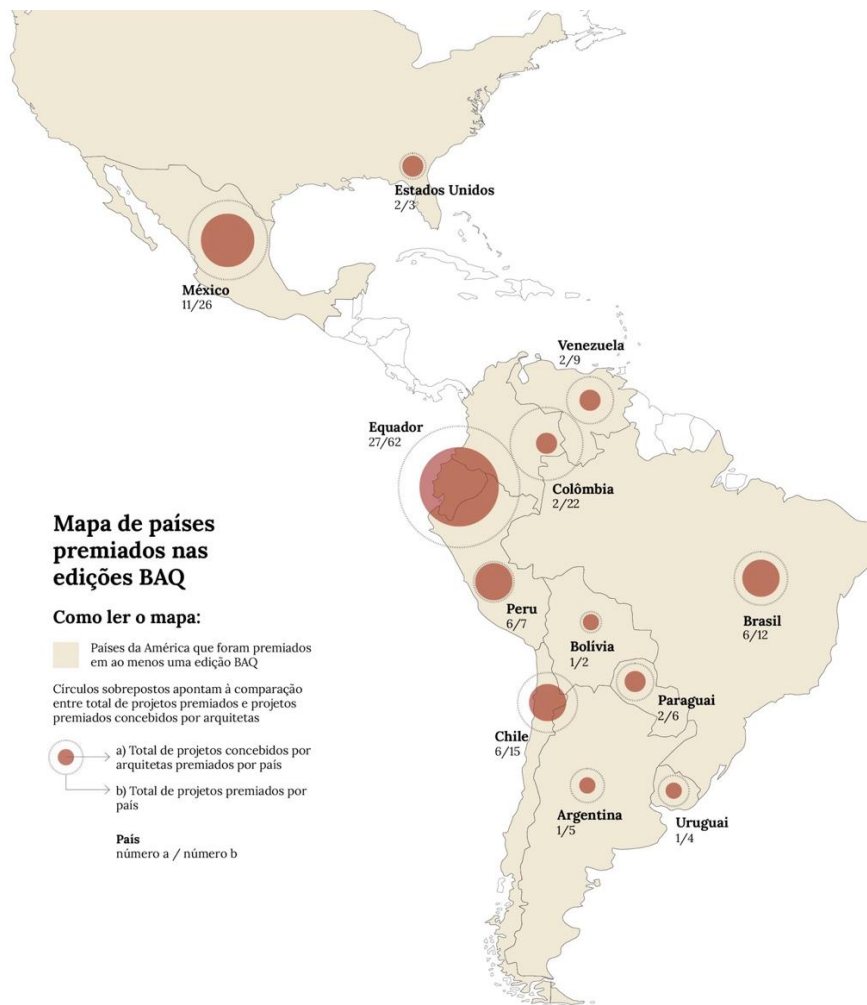


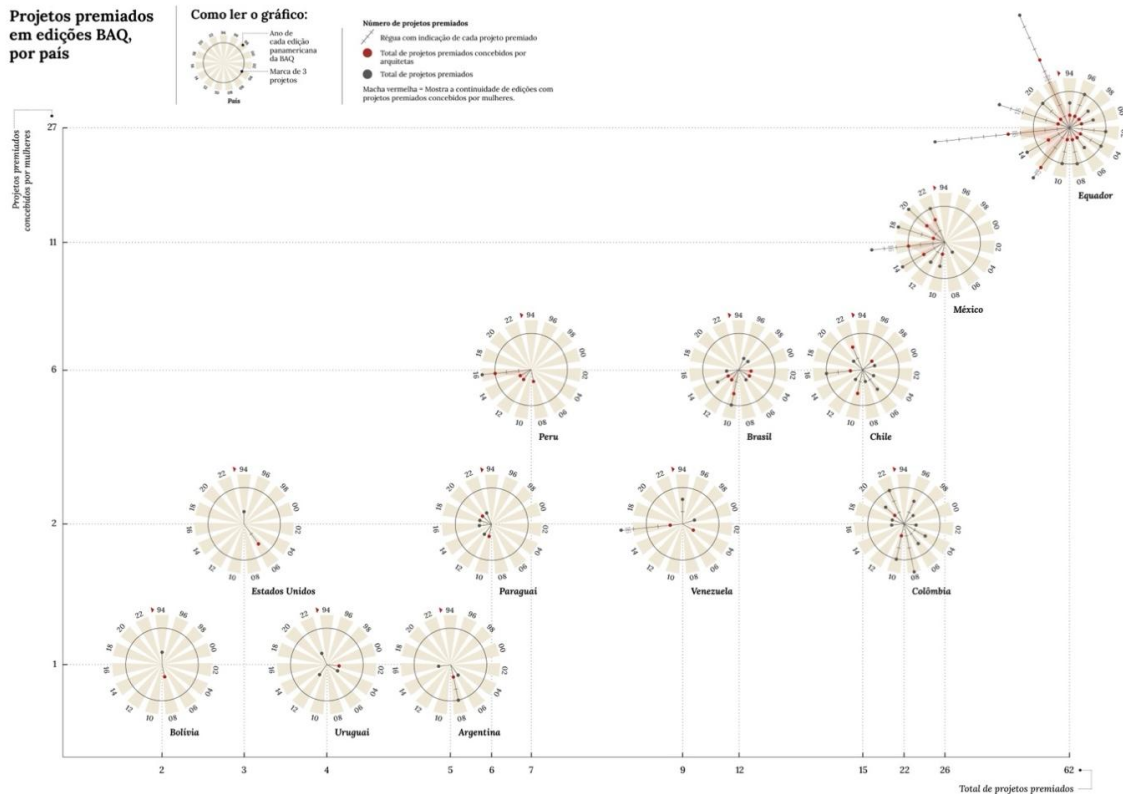
Figura 3 – Mapa de países premiados nas edições BAQ. Fonte: Produzido pela autora (2024).

Em 15 edições, dentre 1994 e 2022, foram premiadas 177 obras construídas. Dentre eles, 70 são de autoria de mulheres, seja de mulheres solo, ou mulheres integrantes de equipes mistas, correspondendo a 39,5% do total de premiados. Essa porcentagem varia de acordo com cada edição. O maior conjunto de projetos premiados concebidos por arquitetas aconteceu em 2012, com 57,1% dos trabalhos premiados. O menor número é de 16,6%, e foi repetido pelas duas primeiras edições panamericanas, em 1994 e 1996. Apenas em três edições o número supera os 50%: em 2006, 2012 e 2022. Em 2014, a proporção foi exata 50%. Fato curioso aconteceu em 2016, quando, de todas as edições, houve o maior conjunto total de projetos premiados, com 33 obras. Nesse ano, a porcentagem de projetos premiados concebidos por arquitetas foi de 39,39%, número muito próximo ao da amostragem geral. É importante dizer que a porcentagem de reconhecimentos pelos trabalhos feito por mulheres não segue uma linearidade ascendente, mas apresenta avanços e retrocessos, em movimentos ora cíclicos, ora espiralados, como por exemplo o caso de 2018, quando houve a segunda menor porcentagem de mulheres laureadas, com 21,4% do total. Os números totais de arquitetas premiadas em países americanos, de acordo com cada edição BAQ, podem ser conferidos na Figura 4.

Destaque é feito às arquitetas equatorianas, que foram autoras de 27 projetos premiados em todas as edições da BAQ. Outro número especial é o da arquiteta mexicana Gabriela Carrillo, premiada cinco vezes, entre 2010 e 2022, a maior marca entre mulheres e homens nesta premiação, seguida pela arquiteta equatoriana Marialuisa Borja, premiada por três vezes dentre 2012 e 2017. Sobre as profissionais brasileiras, destaca-se a premiação de Rosa Grena Kliass, em 2004, pelo projeto Parque da Juventude, sendo a única arquiteta brasileiro a ganhar o prêmio como autora solo. Em 2002 foi o ano da primeira premiação de uma arquiteta brasileira, Lucia Porto foi laureada, ao lado de Sidonio Porto, pelo projeto Jardins Parque Industrial Flextronics.

Os três programas mais comuns dentre os laureados concebidos por arquitetas são: os residenciais, com 21 projetos premiados; os projetos de espaços públicos, com 15 prêmios; e os equipamentos culturais, com 10 prêmios. Esta sequência segue a mesma tendência observada na amostragem geral desta premiação. Sobre as três mulheres solo premiadas: María Eugenia Lacarra Córdova recebeu o prêmio pelo projeto residencial de 16 habitações emergenciais em Ica, no Peru, em 2008; Daniela Mora Ordóñez com o projeto para a Casa de las Artes San Lucas, em Quito, em 2006; e a arquiteta Verónica Reed, com o hotel Carlota, também em Quito, em 2016.

Por quatro ocasiões, projetos concebidos por arquitetas foram vencedores do prêmio Bienal Gran Prix, são eles: em 1998, a Casa em Lago Pirihueico, de Mirene Elton e Mauricio Léniz, no Chile; em 2010, com o projeto mexicano Escuela de artes plásticas de Oaxaca de Mauricio Rocha, Gabriela Carrillo, Carlos Facio e Rafael Carrillo; e em 2022, com os projetos Casa De Música, de Gabriela Carrillo, Eric Valdez, Israel Espín, José Amozurrutia e Carlos Facio, no México e o Teatro Regional Bio Bio assinado por Smiljan Radic, Maria Gabriela Medrano Viteri e Eduardo Castillo, no Chile. Além destes, foram distribuídos por 22 vezes o Prêmio Nacional para projetos concebidos por arquitetas equatorianas, 20 vezes o Prêmio Internacional ou Mundial, 14 prêmios por categorias e 8 Prêmios Panamericanos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, destaca-se a importância metodológica e as ferramentas de expressão gráfica utilizadas nesta pesquisa. A visualização do argumento possibilita a integração imediata de diferentes qualidades de informação por meio do desenho, o que amplia o potencial da narrativa apresentada. Com base na premissa de que as estratégias gráficas possuem a capacidade de comunicar e interagir entre si, buscou-se explorar a complementaridade de cada linguagem e a forma como elas se relacionam ao longo do processo e nos resultados da pesquisa. Desse modo, ressalta-se que a apresentação dos resultados depende essencialmente da leitura dos componentes gráficos, capazes de apresentar camadas de complexidades importantes para a compreensão crítica deste trabalho.

Este artigo buscou reforçar a importância das premiações na construção de narrativas, tendo em vista sua institucionalidade e poder de historicização. A partir do conceito de centralidade, foi possível identificar como as narrativas canônicas, frequentemente dominadas por perspectivas eurocêntricas, tendem a subordinar a compreensão disciplinar, que demanda ações conscientes para a sua não reprodução. Nesse contexto, o deslocamento proposto pela pesquisa, ao colocar a Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito no centro da análise, pretende valorizar as práticas arquitetônicas, as narrativas culturais e históricas a partir do Sul Global.

Sobre o segundo deslocamento proposto, os resultados mostram que, embora a escolha pela Premiação BAQ busque ampliar a visibilidade da arquitetura latino-americana, os reconhecimentos às arquitetas ainda oscilam em termos de representatividade, com avanços e retrocessos em diferentes edições, e em diferentes países. A pesquisa reforça, assim, a necessidade de adotar abordagens críticas e estratégias de longo prazo para transformar os mecanismos de premiação e promover uma inclusão mais consistente das contribuições femininas no campo arquitetônico.

## REFERÊNCIAS

ARANGO, Silvia. Crítica e Prêmios de Arquitetura. **Summa +**. Buenos Aires: DONN S.A., n. 124, out. 2012, 76-81

LARA, Fernando Luiz. Uma perspectiva decolonial para superar insuficiências. **VIRUS**. São Carlos: Universidade de São Paulo – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, v. 26, 2023, p. 4-11.

LARA, Fernando Luiz. Teorizando o espaço das Américas: possíveis saídas para séculos de exclusão e de esquecimento. **Dossiê América**. São Paulo: Editora da Cidade, v. 1, 2018, p.66-75.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do Século XX**. São Paulo: Altamira Editorial, 2014.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. Ensino de arquitetura e urbanismo: discurso, prática projetual e gênero. In: NAME, Andréia Moassab Leo. (Org.). **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: Edunila, 2020, p. 180-196.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. Nas fronteiras da civilização: como se criam os novos cânones da arquitetura? In: ZEIN, Ruth Verde (Org.). **Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022, p. 128-140.

MALUENDA, Ana Estebán. Algoritmos para a Arquitetura Moderna. In: ZEIN, Ruth Verde (Org.). **Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022, p.37-45.

ZEIN, Ruth Verde (Org.). **Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.